

EDITORIAL

É com muita alegria que a comissão editorial traz para seus leitores o novo número da Revista Contraponto, o terceiro em sua curta trajetória. Felizmente, em comparação com o segundo número, a captação de artigos não foi tão excruciante como da outra feita e, até o prazo de término de envio de artigos, já contávamos com o número suficiente de trabalhos enviados. Assim, nosso foco pôde ser na articulação desta edição que agora apresentamos aos leitores. Como diria Umberto Eco, uma obra não pertence mais ao seu autor uma vez que publicada. E assim desejamos que aconteça a *Contraponto*: que ela, mais do que o que está descrito na sessão “Foco e escopo” de nosso site, seja uma revista que tenha sua identidade composta a partir do que os autores aclararam em seus textos.

Este novo número, seguindo o legado dos números anteriores, é de temática livre porque acreditamos que os autores, ao focarem sua atenção a este periódico, podem estar nos dizendo algo a nosso respeito que nos passa despercebido. A identidade que também está no não-percebido, no inconsciente, e que, pelo contato com o outro, nos faz conhecer a nós mesmos um pouco mais.

Apresentamos, assim, o novo número, com novidades e resgates. Trouxemos os costumeiros artigos, presentes em todos os números até então. Resgatamos as resenhas, que no número passado não apareceram justamente por conta da demanda dos autores, que as esqueceram. Como novidade, inserimos um artigo de opinião. Aparentemente, o artigo de opinião poderia depor contra o caráter científico da revista, mas a comissão editorial optou por aceitá-lo porque 1) ele traz uma reflexão sobre a ciência (e o fazer científico por extensão) e 2) o conceito de opinião como algo totalmente oposto

à ciência é uma concepção renascentista que já não é tão compartilhada no meio acadêmico e só favorece a uma ciência bacharelesca e descolada da sociedade. Portanto, resolvemos abrir espaço para essa modalidade de trabalho e esperamos que os leitores compreendam nossa manobra.

II

Tal qual fizemos na edição anterior, vamos agora apresentar os trabalhos que compõem a edição e dialogar com eles. Assim o fazemos para que possamos retribuir em alguma medida ao seu desejo de colaborar no *vir-a-ser* do novo número.

O artigo **Obstáculos às teorias da diferenciação: colonização e modernidade na formação social brasileira**, de Vinicius Foletto Bevilaqua (Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul), apresenta uma reflexão sobre a aplicabilidade do conceito de diferenciação social gestado no contexto europeu ao caso brasileiro. A delimitação empírica que o autor analisa é a história do Brasil, buscando se há ou não essa correspondência. É um estudo atraente que parte de outras leituras e referenciais para realizar uma reflexão parecida com a das modernidades múltiplas, de Shamuël Eisenstaldt.

O artigo intitulado **Os Impactos Causados pela Inovação Tecnológica nos Escritórios de Contabilidade do Rio Grande do Sul: Uma Análise de Cluster**, de Adir Zwirtes (Mestre em Ciências Contábeis pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos) e Tiago Wickstrom Alves (Mestre em Economia Rural e Doutor em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul), proporciona uma discussão sobre os impactos das tecnologias da informação (T.I.) na contabilidade, mais especificamente nos escritórios de contabilidade

do Rio Grande do Sul. Este artigo é instigante por demonstrar os prós e contras que o uso da T.I. proporciona para uma determinada área do mercado, sendo rico em gráficos e tabelas. Para a sociologia, o artigo é bastante interessante, visto que demonstra a relação de trabalho dos profissionais com a tecnologia, principalmente a Internet, bem como faz uso de uma metodologia quantitativa, lançando mão de dados oriundos de *survey*.

O artigo da mestranda em Educação pela UFSCar, Cláudia Priscila Pires, **As reformas neoliberais na estrutura, na organização e no financiamento da educação superior do Chile e a deflagração do movimento estudantil em 2011**, aborda as reformas neoliberais na estrutura, organização e no financiamento da educação superior chilena e seus impactos provocados no âmbito das desigualdades sociais, fato que motivou a deflagração de uma série de contestações do movimento estudantil chileno. O ponto de partida da pesquisa reside na análise do Decreto Lei nº 3.541 de 1980, institucionalizado no governo militar de Augusto Pinochet com a finalidade de atribuir ao Presidente da República a autoridade de reestruturar as universidades chilenas por meio de normas estatutárias e de regulamentação da estrutura orgânica. A partir de então, uma série de outros decretos são instituídos e em 1981 ocorre a abolição da gratuidade no ensino superior. A argumentação central da autora é a de que as novas modalidades de financiamento estudantil a partir das reformas neoliberais foram concebidas com base em um modelo fortemente meritocrático e competitivo, premiando aos estudantes com melhores condições socioeconômicas os auxílios estudantis mais generosos e onerando os estudantes mais desfavorecidos socioeconomicamente com mensalidades caras e juros abusivos

O trabalho **Três teorias sociológicas para a compreensão da discriminação contra minorias sociais na interação cotidiana**, de Fernando Diehl (Licenciado em Ciências Sociais e Mestrando em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realiza um levantamento conceitual sobre as três correntes indicadas em seu título. A análise se debruça sobre um objeto familiar de estudo das correntes, procurando apreender a riqueza e heterogeneidade do cotidiano social dos atores. O procedimento almejado pelo autor é claro: o resgate e apontamento de diversos conceitos se realizam através das possíveis ligações entre as correntes sociológicas referenciadas e o cotidiano. Não por menos, a reflexão empregada resulta numa exploração sobre as potencialidades e contribuições das correntes ao estudo sociológico do cotidiano.

O artigo ***Social Construction of Technology* como metodologia complementar à análise de políticas públicas**, de Vinícius Ferreira Baptista (Doutorando e Mestre em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro), tem sua importância por conta de algumas de suas características. A primeira é que se trata de um texto didático, recomendado para ser um primeiro texto de contato com o assunto de Políticas Públicas. A segunda é que o texto possui boa amarração conceitual das definições de sociedade, tecnologia, políticas públicas. Por último, traz contribuições interessantes ao permitir tomar não literalmente as políticas públicas como uma tecnologia que é construída socialmente. A noção de que muitas atividades são uma construção social é bem consolidada nas ciências sociais, mas a proposição do autor de uma metodologia que torne essa noção mais sistemática acrescenta muito ao campo.

Pela primeira vez algum artigo relacionado à área das Artes aparece aqui na revista, o que enriquece e muito nossa armaria de

assuntos. Trata-se do trabalho **O simbolismo religioso nas bonecas africanas – uma releitura do espetacular sobre a Vênus Hotentote**, de Milena Ferreira Mariz Beltrão (Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul) - ao narrar o processo de construção subjetiva de uma boneca cênica relativa à pessoa/personagem Saartjie Baartman/Vênus Hotentote após um estudo histórico e literário. É extremamente interessante por sua capacidade de articular, de maneira satisfatória, diversas áreas (teoria pós-colonial, gênero, estudos raciais, psicanálise) em um corpo coerente, o que suscita interessantes questões teóricas e metodológicas para a própria sociologia, que acaba promovendo essa desconstrução/reconstrução para realizar a sua operação de análise do que convencionamos como o real.

O artigo **Sobre a sociologia do trabalho e (e alguns dos) seus informantes: breves anotações teórico-metodológicas**, de Bruno Casalotti (Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul), traz uma reflexão interessante ao unir as dimensões da sociologia do trabalho com os processos de subjetivação, articulação que nem sempre é feita em estudos dessa área. Como se essa contribuição já não bastasse por si, o autor ainda faz uma cuidadosa revisão das ideias de autores clássicos e mais contemporâneos que pode ser muito útil a iniciantes no assunto, além de se mostrar muito estimulante para autores que utilizam esses mesmos autores através de outros ângulos.

O artigo **Análise do uso das contribuições de Gramsci na reforma do ensino médio no RS à luz do caderno 12 do cárcere**, de Josiane Machado Alexandre (Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul), traz uma contribuição inestimável para o estudo do campo das políticas públicas ao permitir ir mais além de uma concepção puramente assistencialista. A autora

analisa documentalmente a adoção das ideias de Antônio Gramsci na reforma do Ensino Médio no Rio Grande do Sul, sobretudo no ensino politécnico.

Por termos recebidos alguns artigos concisos e de as sessões artigo de opinião e resenha contarem igualmente com poucas páginas, esta edição, em relação às edições anteriores, apresentaria número reduzido de laudas. Assim, aceitamos excepcionalmente um oitavo artigo para compor a edição e torná-la mais rica. Dessa maneira, trazemos também o artigo **O processo de trabalho do serviço social no sistema penitenciário**, da Assistente Social (IPA) Tamires dos Santos Viegas. Nele, a autora faz uma análise de sua experiência como assistente social em um presídio, trazendo um panorama completo desde as áreas de atuação e o estudo contextual do local de atuação até as políticas aplicadas. trata-se de uma boa introdução à área de um profissional desse campo que é, por vezes, confundido com as ciências sociais.

A resenha **Currículo: do conhecimento eleito à construção sociocultural**, escrita por Natiane Cristina Costa Nascimento (Mestranda em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica/Minas Gerais) e a professora Maria Aparecida da Silva, apresenta com muitos detalhes os capítulos e os argumentos do livro *Atos de Currículo e Autonomia Pedagógica: o socioconstrucionismo curricular em perspectiva*, de Roberto Sidnei Alves Macedo. As autoras acabam mergulhando profundamente na área da educação através do currículo, concebido não como um monumento – acabado, não-humano e homogeneizante – mas sim como uma atividade social, de modo que se pode pensar atos de currículo para além da transmissão curricular. A partir desse núcleo, percorrem a obra de Macedo e a escrutina. Achamos que essa obra seria relevante para além do ensino de sociologia, porque pensa o

princípio da causalidade do social inserido dentro da atividade educativa. Mas também porque pode ser um bom começo de reflexão para o bacharel que vira professor universitário e que pode acabar reproduzindo o currículo transmissivo sem o saber e acabar por isso perdendo a atenção e o entusiasmo de seus alunos.

No artigo de opinião **Existe relação entre ética e biossegurança ocupacional?**, de Lissandra Souto Cavalli (Doutora em Oceanografia Biológica pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande), Fernando Sérgio Castilhos Karam (Doutor em Patologia pela Universidade Federal de Pelotas), Kelly Cristina Tagliari de Brito (Pós-Doutora pela Fundação Estadual de Proteção Ambiental) e Benito Guimarães de Brito (Pós-doutor pela Universidade Estadual de Londrina), vamos observar o percurso teórico-empírico dos autores, que alertam para os riscos que cientistas experimentais, que trabalham em laboratórios, assumem ao não seguir as normativas de seu ambiente de trabalho. Eles argumentam que se trata de uma questão ética, e não meramente de legislação ou de treinamento. Acreditamos que, apesar do caminho ser diferente, o que se executou neste artigo foi exatamente uma reflexão sociológica ao perceber que as normas também precisam ser compostas de uma dimensão de concordância com os sujeitos que a elas são submetidas. Daí o apelo à ética, que pode ajudar a construir a empatia que enlaça esses sujeitos e faz a regra valer para além de uma imposição institucional.

II

Gostaríamos de deixar alguns agradecimentos para pessoas que tornaram essa edição possível. Novamente, agradecemos à primeira equipe da revista, que teve a iniciativa de montá-la e nos propiciar esse espaço de exercício de uma das facetas da carreira de

pesquisador, que é a da divulgação. É essencial também agradecermos à letrista e mestrandia em Letras Yana Martinez, a revisora do periódico, que se juntou a nós neste número. Ela tornou possível que os trabalhos aqui expostos atingissem um patamar alto em outros aspectos para além do técnico. Também agradecemos à editora Gabriela Ramão, que foi ao III Seminário de Integração Sociológica em Pelotas nesse ano (2015) para apresentar a revista aos alunos e professores dos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade Federal de Pelotas.

Não sabemos o que nos espera no próximo número. Não sabemos ao certo se continuaremos com temáticas amplas que continuem ajudando a nos definir ou se partiremos para temáticas mais específicas. Estamos em um momento de mudança de equipe editorial - com saídas, chegadas e permanências - e o futuro desse momento é incerto. O que queremos deixar marcado neste editorial é justamente um momento de controvérsias, de “ciência inacabada”, como diria Latour, pelo qual passa a revista e que acreditamos que a torne muito mais consistente e legue uma existência não apenas formal ou meramente divulgativa ao periódico. Interessa-nos trazer um propósito para a revista, e essa busca é sempre conflitante. Por tal motivo, gostaríamos muito de agradecer pela grande experiência que foi estar à frente de um periódico que nos deu tanto prazer em trabalhar e em dar o nosso melhor.

Encerramos o editorial desejando que este volume se mostre mais do que uma fonte de dados que podem ser reutilizados em outras pesquisas. Tal como descrevemos no segundo número, nossa intenção é a de trazer outras epistemologias para o campo sociológico, ao mesmo tempo em que promovemos o diálogo com profissionais de outras áreas para trocas com nosso campo. A possibilidade dessas

trocas é o que vem animando nossa dedicação até o presente momento.

Os Editores

Ricardo Cortez Lopes, Gabriela Ramão de Freitas, Luciana Sieber,
Pedro Dionizio de Mello, Rodrigo Dilélio Campos
Lis Yana de Lima Martinez (revisora)